

A IMPORTÂNCIA DO CORO NOS USOS DE CISTER

Nelson Correia Borges

Resumo

Com origem nas tradições cristãs mais primitivas, o coro tinha uma funcionalidade essencialmente litúrgica, para celebração do Ofício Divino diário, destinando-se restritamente a membros de comunidades religiosas, pelo que se situava em espaço inacessível a estranhos. O monaquismo beneditino de Cluny elevou o ritual litúrgico, com especial incidência nos ofícios de coro, a tal importância e esplendor, através de largas práticas que ocupavam diariamente todo o tempo de vida dos monges, que acabou por se tornar sufocante. Esta e outras práticas exageradas levaram ao movimento reformista de Cister que se propôs regressar à pureza da Regra de S. Bento, também na liturgia. A celebração do Ofício Divino voltou ao esquema original da Regra, até porque o trabalho nos campos era incompatível com o *horarium* cluniacense. Simplificou-se e disciplinou-se através dos chamados *Usos e Cerimónias Cistercienses*, codificados em livro e observados em todos os mosteiros da Ordem. Porém, certas congregações, como foi o caso da nossa Congregação de Santa Maria de Alcobaça, adoptaram rituais específicos que acabaram por tornar mais rica e complexa a simplicidade original.

Para os cistercienses a observância do coro era extraordinariamente importante, sobretudo na época moderna, quando o trabalho nos campos perdeu a importância inicial, pelo que o espaço do ritual vai receber um cuidado muito especial, quer em termos arquitectónicos, quer decorativos, quer como suporte de imagens.

O coro dos mosteiros cistercienses portugueses conheceu localização variada, sendo a mais comum na capela-mor ou na nave da igreja, para as casas masculinas, e do lado oposto ao altar-mor nas femininas.

Desde muito cedo que o espaço do coro se mostrou como um excelente suporte de imagens. Participando de todo um complexo litúrgico em que se integra, ele vai encher-se de mensagens místico-contemplativas, através de cenas da vida de Cristo e da Virgem, dos apóstolos, dos patriarcas ou dos santos da Ordem que se tornaram modelos de vida comunitária, pelas suas virtudes e ascese. Na época barroca integra um ambiente arte total, compondo nos cadeirais, pinturas e esculturas autênticas visões de apoteose da observância de Cister.

NELSON CORREIA BORGES

Professor aposentado do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Fez doutoramento em História da Arte, tendo apresentado a dissertação intitulada *Arte Monástica em Lorvão. Sombras e Realidade*.

É académico correspondente da Academia Nacional de Belas Artes, membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa e fundador de três associações de defesa do património: o GAAC - Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, a Associação Pró-Defesa do Mosteiro de Lorvão e o Grupo Folclórico de Coimbra. É membro da Comissão Diocesana de Arte Sacra.

Coimbra, a arte monástica e conventual, o Barroco e o Rococó, designadamente a arquitectura e a talha, são os campos a que mais se tem dedicado, tendo já apreciável número de trabalhos publicados sobre estas matérias, bem como nas áreas de Arqueologia e Antropologia Cultural, que igualmente lhe têm servido de tema para palestras, conferências e participação em reuniões científicas.

De entre os trabalhos publicados podem-se destacar:

João de Ruão, escultor da Renascença Coimbrã (1980)

A Arte nas festas do casamento de D. Pedro II (1983)

História da Arte em Portugal — Do Barroco ao Rococó (1987)

Coimbra e Região (1987)

Arquitectura monástica portuguesa na época moderna (1998)

Arte Monástica em Lorvão. Sombras e realidade. (2001)